



Franco, J.E. e Rosa, J.M.S. (coords.). (2019). *Jesué Pinharanda Gomes — Pensar português: Texto inédito e estudos*. Theya. Lisboa. 222 pp.¹

AMÉRICO PEREIRA²

Antes de mais, e de novo, agradeço o honroso convite que me foi endereçado pela Câmara Municipal do Sabugal, que, como se diz em velho português, é a minha terra, de materna origem e voluntária ferial fixação, embora tenha nascido na triste e cada vez mais cinzenta capital do que resta de Portugal.

Como declaração epistemológica liminar, afirma-se que, nestas presentes planas palavras, não se irá entrar em polémicas como aquela acerca de «pensamento português» ou «não-pensamento-português», dado que não há como negar que o pensamento seja antropológicamente universal, confundindo-se mesmo

com o que constitui o cerne literalmente ontológico da antropologia, e também porque não há como negar que todo o pensamento humano é necessariamente topológico e caiótico, em exato tempo, espaço e momento. Aqui, o pensamento é Português e em Português pensado e dito em universal abertura.

Aquele que em boa hora se homenageia neste ato é português e é um ser humano, o que faz dele membro de uma universal humanidade. Estas duas pertenças estão sempre presentes ao longo da sua obra: o seu catolicismo é muito mais essencialmente literal, como busca de sentido universal, do que confessional; o

¹ Texto da apresentação do livro feita no Auditório da Biblioteca Municipal do Sabugal, no dia 10 de novembro de 2019.

² Universidade Católica Portuguesa.

seu amor de húmus pela *sua* terra portuguesa e pelas suas conaturais terras portuguesas é fundamentalmente um sentido visceral de pertença cósmica situada, não uma qualquer forma de provincianismo, aliás, este último mui nobre e alta prerrogativa das variegadamente desterradas gentes que habitam palácios lisboetas que não construíram, mas que alguém construiu para que os possam habitar.

Prefere-se, aqui, comparar Pinharanda Gomes às águas do Côa e do Zêzere e dos seus afluentes que, do céu caídas, nestes litoralmente ignotos milhares de quilómetros quadrados de lusitano terrunho, se bebem e, pior, se desbaratam, no Porto e em Lisboa e nos seus civicamente obesos arredores. Não é Pinharanda apenas este simbólico rio humano, mas consubstancia em toda a sua obra, que aqui nos congrega, fonte, leito, corrente, estuário e foz de um curso longo e profundo de imensa cultura, pensamento, reflexão, que a muitos dessedentou. Todavia, quem dá graças por tais águas? Nós, aqui, damos, *reconhecidamente*.

Como se sabe, *Os Lusíadas* terminam com o termo «inveja». Tivesse Camões — que bem a há de ter sentido — querido, poderia ter usado, na vez do justíssimo termo «inveja», o não menos justo termo «ingratidão».

Nobre momento é este, então, em que se presta homenagem a um Homem que dedicou e derramou grande parte da sua vida a procurar saborear espiritualmente a sua

terra, terra que não é só Quadrazais, Sabugal ou mesmo Portugal, mas esta rotunda Mãe que é a Terra, em que os semelhantes a Jesué assentam seus pés, encontram suas raízes, mesmo que móveis, mesmo que efémeras, mas sempre humanas.

Aqui, agora, não somos ingratos: aqui, agora, reconhecemos a grandeza humana de um especial ser que viveu como ato de espírito em busca de um céu sempre mais longe, mas sempre mais vasto, sempre mais amável, como quem toma a sério o lema de Santo Anselmo, como quem sempre que abre os olhos vê, acredita no bem que vê, mas sempre busca ver mais longe, mais fundo, mais nitidamente. A quantos estudantes de filosofia ajudou Pinharanda a fazer algo de semelhante? A mim, há já muitos anos, ajudou, por exemplo, com a leitura que fiz de *A patrologia lusitana*, edição de 1983.

Na altura, tendo precisamente entrado para a Academia no ano acabado de mencionar, quando li a obra, não me passou pela mente — certamente estreita — que Pinharanda não fosse um «académico». Se não o é fundamentalmente, o que é, então, isso de um «académico»? Nada disto faz grande sentido. Ironizemos, portanto: é escandaloso que o velho Aristocles de Atenas, mais conhecido por Platão, não fosse académico, precisamente antes de ter inaugurado a primeiríssima academia, que, logo por coincidência, se chamou «Academia». Aristóteles, académico por uns

largos anos, acabou por fundar uma coisa chamada «Liceu»: será Aristóteles um «académico», arrependido, talvez? Ou será «académico» quem vive quase exclusivamente a sua vida profissional a fazer inúteis relatórios? Como funcionário de uma empresa, é possível que Pinharanda, por este lado, tenha conseguido qualquer coisinha de «académico» manuseador de papelada inútil.

Retomando a devida seriedade, pergunta-se se, de facto e de direito, não se é académico, precisamente, quando se é fiel aos princípios filosóficos do pai de todas as academias, Platão, e de Sócrates, em cuja exemplar humanidade se inspirou?

Se a resposta é positiva, *e afirmamos que é positiva*, então Jesué Pinharanda Gomes foi um *notável académico*, no sentido fundamental, platónico, de ato de busca de um sentido, de um *logos* para a totalidade da experiência que constitui o ser humano. Esta busca, em seu mesmo ato, é indiscernível da própria filosofia, em seu sentido mais lato, que não apenas intersecta, mas verdadeiramente penetra toda a atividade intelectual do ser humano, sob pena não só de não ser intelectual, mas de não ser simplesmente humana, como se pode perceber pelos atos dos humanos tempos em que as várias formas de barbárie imperam, inexoravelmente empurrando a humanidade para novos e inauditos precipícios abissais de dor e sofrimento.

Ora, a vida e a obra do nosso homenageado, que recebem tratamento magnífico nesta outra obra publicada cuja apresentação também aqui nos reúne e para que remetemos, especialmente para o capítulo autobiográfico, percorreram sendas de peregrinação de absoluto e relativo e movimento, de morte e de vida; de pão e de palavra, de saudade e de teologia, de literatura e de filosofia; de história, em historiografias várias; de cultura multiforme, entre muitos outros trilhos, carreiros e avenidas de estudo e de reflexão.

Quem aqui diz estas chãs palavras detesta batismos reducionistas — Platão «idealista»... —, no entanto, a noção de Pinharanda como pensador *fronteiro*, *fronteiroço*, de *fronteira*, aceita-se, não porque se aproveite da geografia do nascimento do sábio a quem aqui honramos, nem porque tenha estudado — e estudou — temas de *fronteira*, mas porque nos põe constantemente na *fronteira* quando se lê o que escreve, tornando-nos também coisas *em limiar*, talvez mesmo *de limiar*.

Permitam-me duas citações, que limitam muito bem isso a que se referem, assunto, aliás, mui relevante nos hodiernos tempos que se arrastam parecendo que correm. São ambas do livro já citado e em que me estreei como leitor do Mestre, *A patrologia lusitana*, capítulo I, da parte dedicada ao ciclo medieval, período romano-cristão. Diz assim a primeira:

Cristianismo é a religião dos cristãos; paganismo é a vida dos *pagi*, o localismo dos pagãos. São dois modos de vida eventualmente diferentes, mas não se excluem um ao outro, porque o cristianismo não é uma ideologia de sinal contrário ao paganismo, nem o paganismo é necessariamente uma vida de sinal contrário ao cristianismo. Estamos em presença de planos diferentes, ecológico um, o paganismo, pístico outro, o cristianismo. (p. 96)

Quão contemporânea esta reflexão, e, concomitantemente, quão clássica. Quão precisa na marcação da diferença, da fronteira; todavia, como tal marcação, na salvaguarda do *absoluto do diferente*, implica o *outro absoluto do possível comum* que há entre os dois lados de uma fronteira, desde que esta una, não desuna. Presente o sentido da diferenciabilidade ontologicamente necessária de planos, para que a realidade possa ser não uniplanar, mas feita de tantos planos quantos os necessários para encher um infinito de possibilidades.

No exato tempo e movimento que são os nossos, é ainda esta a grande questão com que nos debatemos e de cuja resolução fronteira depende o futuro da humanidade quer como escolha entre ser uma humanidade digna do nome ou ser algo digno da infame quinta de animais de Orwell, quer ainda como uma escolha entre ser e não ser em absoluto, pois a aniquilação da humanidade às próprias mãos é mesmo uma das suas últimas fronteiras possíveis. Toda a obra de Pinharanda Gomes

é uma escolha por uma humanidade digna do nome que ostenta.

A segunda citação, imediatamente a jusante da anterior, diz o seguinte, na fronteira metamórfica entre a «vilania» e a «cidadania». São palavras duras, mas que dão que pensar fora da caixa oligárquica a que estamos acostumados:

Pagus, pagi é a sociedade sedentária, agrícola e campestre, conservadora e pacífica, que olha para as flores como seres do 4.º dia da criação, e para os animais como criaturas do 5.º dia da mesma criação, sendo, o homem, criatura do 6.º dia. O que se lhe opõe é a sociedade nómada, serviçal e improdutivo, progressiva e bélica, devastadora, das urbes, que olha para os vegetais e para os animais como quem olha para os ingredientes da refeição apetecida, e nunca mais chegada. Entre *pagão* e *cidadão* há a distância que separa o *vilão* do *burguês*. O *vilão* é o homem da *villa*, *villae*, do indo-europeu *Weik*, que daria o latim *vicus*, enfim, a gente do campo, das aldeias e quintas, vilas e terças, ermos e serras; o *cidadão* é o homem da *urbs*, da *civitas*, do *oppidum*, que vive dos bens do fisco atuante sobre os *vilões*. O *vilão* lavra, semeia, colhe, paga e sofre; o *cidadão* confisca, cobra, e come. (p. 96)

A esta parte segue-se uma notável síntese, que, integrando o que aqui ficou dito, alarga a compreensão que Pinharanda tem de tais tempos e atos. Por estranha que possa parecer, a parte da síntese que se transcreveu não

deixa de nos fazer repensar acontecimentos nossos contemporâneos a uma luz que permite pensar a atual incivilização cívica como algo que não é casual ou epifenoménico, mas tem a sua raiz em modos de construção do que poderia ser «cidade», se tal construção se fizesse sobre um sentido de bem comum, incompatível com formas parasitárias ou depredatórias — o inútil «fisco», inútil porque não promove o bem comum —, matriz real da triste globalização em curso.

Como se depreende do espírito da letra do texto de Pinharanda, a cidade e o *pagus* não são incompatíveis, desde que os planos em que se situam se integrem, sem a violência aqui simbolizada pelo «fisco atuante», violento, porque inútil.

Este sentido de comunidade, mais do que síntese, que supõe sempre uma qualquer já-realidade analisada, quebrada, é verdadeira atualidade ontológica de integração de planos e encontra-se na própria pessoa de Jesué Pinharanda Gomes, pessoa de que a sua obra em busca de inteligência do ser faz harmónica parte.

Muito melhor do que as nossas chãs, rasas palavras sobre esta harmónica pessoa, falam as várias altas palavras dos autores da obra dedicada a Pinharanda e que se intitula *Jesué Pinharanda Gomes — Pensar português: Texto inédito e estudos*, editada pela Theya Editores, sob a coordenação de José Eduardo Franco e

de José Maria da Silva Rosa e com o mecenato da Câmara Municipal do Sabugal, obra que passamos breve e insuficientemente a apresentar.

Na «Apresentação», António dos Santos Robalo, após mencionar o doutoramento *honoris causa* de Jesué Pinharanda Gomes na Universidade da Beira Interior (UBI), refere o colóquio realizado na mesma universidade e no auditório da Câmara Municipal do Sabugal, «Celebrar o Saber Amigo», nos dias 8 e 9 de junho de 2018. Este livro traz a público as comunicações e testemunhos que constituíram o cerne do colóquio.

Na introdução, «Pensar Português e em Português», José Eduardo Franco e José Maria da Silva Rosa, indiciam os lugares de pensamento que compõem esta «obra», «improvável há ainda não muitos anos», inserindo tais lugares em «roteiros de *universalidade concreta*». O ponto fulcral é posto no que denominam de «*sabedoria do amor*».

No prefácio, retoma-se o «Discurso no doutoramento *honoris causa* de Jesué Pinharanda Gomes na Universidade da Beira Interior», proferido pelo Magnífico Reitor da UBI, António Fidalgo. Sobre os ombros de gigantes, qual Bernardo de Chartres, Pinharanda soube ver longe, grato e sem perder o sentido, mais do que um «encantamento» do mundo, a sua maravilha. A solidão pensante reitoral foi capaz de entender a solidão do pensador «à parte»,

mas entranhado no mais fundo da realidade de Portugal e do mundo.

Agora, em póstuma publicação, com toda a triste ironia de que se acompanha, encontramos uma «Pequena autobiografia», «Jesué Pinharanda Gomes: *Curriculum vitae*». O «autor» é Jesué Pinharanda Gomes. Há mesmo que a ler, para ela se remetendo.

Na *laudatio*, «Doutoramento *honoris causa* de Jesué Pinharanda Gomes na Universidade da Beira Interior», o Cardeal Patriarca, D. Manuel Clemente, diz do objeto da homenagem: «Da história local à regional, da biografia às instituições e aos movimentos, dos autores às correntes de pensamento ou literatura, tudo versou muito e bem, especialmente nas fontes que descobriu e fez descobrir, nos mundos que abriu e nos fez olhar» (p. 26). Estas precisas últimas palavras tocam o ponto essencial da importância da presença intelectual de Pinharanda.

No âmbito da parte da obra dedicada aos estudos, encontra-se um primeiro, intitulado «Um noviciado filológico para um “sootil entender”», de Jesué Pinharanda Gomes, trabalho filosófico-filológico, em que se ensaia construir sentido fixando valores semânticos, fruto da leitura que o autor faz de outros autores. Não é assim que se constrói o pensar próprio, assimilando propriamente o manjar não do *já pensado*, mas do sempre pensável?

Em «Portugal, “cabeça” da Europa (?)», Annabela Rita reflete sobre passos emblemáticos do pensamento de Pinharanda em busca de «observar o modo de inscrição cultural de Portugal na Europa ao longo da sua História», inscrição que é parte de um encontro mais fundo ainda, que se dará no «*jardim secreto*» ou «*selado*» em que a «árvore seca reverdecerá, segundo os velhos mitos...» (p. 60).

António dos Santos Pereira, no seu texto «Pinharanda Gomes, fronteiro, entre o futurismo de Orpheu e o mais fundo pensamento filosófico português», apresenta um estudo de grande erudição crítica sobre a incontornável contribuição de Pinharanda para o estudo do pensamento português, não apenas no tema enunciado no título, mas na evolução geral do mesmo pensamento.

Em «Pinharanda Gomes: Peregrino do Absoluto», Elísio Gala viaja também por vários temas da obra do nosso homenageado, em trilhos de «insolúveis mistérios do imenso e do eterno» (p. 85). Nesta nossa terra, talvez a «mais anti-filosófica do planeta», opera-se «o ato de filosofar em português, com toda a carga de existenciais que o português transporta para o ato de filosofar» (p. 92), lendo «logos» «em todo o lugar onde o sopro sopra, contemplando todos os homens e seres» (p. 92).

No capítulo «Pinharanda Gomes, filólogo e hermeneuta da filosofia portuguesa», Joaquim

Domingues, percorrendo lugares vários do pensamento português e do pensamento de Pinharanda, percebe que «a liberdade requer [...] um princípio superior a partir do qual tudo o mais se organiza, assim como o instrumento adequado para discorrer entre os diferentes domínios do saber», pois, «o espírito manifesta-se, antes de mais, na palavra, de modo que não é possível amar a Sabedoria sem a mediação da sua expressão superior, nem ser filósofo sem ser filólogo» (p. 101).

José Esteves Pereira escreve, em «Pinharanda Gomes e a *História da filosofia em Portugal* de José Joaquim Lopes Praça», sobre o trabalho crítico, que se inscreve num «conjunto de estudos de natureza histórica de apurado cuidado hermenêutico» (p. 115), realizado a propósito da introdução que fez para a citada obra de Praça. Tal «iniciativa editorial permitiu [...] ressuscitar um jurista e pensador injustamente esquecido» (p. 117). Ao realizar este estudo, aproveitou Pinharanda para «uma abordagem das coordenadas espirituais e filosóficas do lente coimbrão» (p. 120), assim dando a conhecer, mais uma vez, criticamente e com maior profundidade, a obra de um pensador português de relevo.

A contribuição «Dois pensadores sem academia: Spinoza e Pinharanda Gomes» permite a Luís Machado de Abreu pensar para lá da informalidade académica dos dois vultos, ou do seu autodidatismo, a condição de solidão do pensar, extremada no autor da *Ética*.

Entre a «pátria como liberdade de pensar» e a eventual «condição portuguesa de Spinoza» (p. 129) lê-se a tensão, talvez dilacerante, que o habita, pois Pinharanda percebe que «Em primeiro lugar, Espinosa é judeu; em segundo lugar, é português; em terceiro lugar, é holandês; em quarto, europeu». Por outro lado, «Não é judeu, porque rompeu com a tradição judaica. Não é cristão, porque não se converteu. Não é holandês, porque a Holanda só circunstancialmente lhe serviu de berço» (p. 132). Perguntamos nós, se não se substitui o isolamento pela companhia universal de uma natureza envolvente e aconchegante, que é Deus, assim próximo?

Manuel Cândido Pimentel, na sua contribuição, que recebe o título «Pinharanda Gomes e a saudade», lembrando que para o autor «o ser divino não pode ter saudade», cabendo a esta ser «como um símbolo da deficiência da criatura que aspira ao ser plenífico», vê na relação de saudade criatural, plasmada num texto que transcreve e que com acribia designa como «a oração da consciência saudosa ao infinito amado e amante», um ato que é «comunidade de mónadas, florestas de copas rumorejantes, agitando-se no desejo saudoso de companhia e infinito» (p. 146).

Maria Leonor Xavier, em «Celebrar o saber amigo: Pinharanda Gomes, o estudioso: Uma visão panorâmica do seu ficheiro bibliográfico», agostinianamente visita outros «palácios de memória», esta última a «erudita» de

Pinharanda, que a autora divide em «três “palácios” principais: a filosofia, a história e a religião» (p. 147). Traça um breve, mas exaustivo, pormenor do que habita tais palácios. A mobilar requintadamente tais *topoi* encontra-se «o pensamento português», «a fidelidade católica», «o sentimento patriótico», «um pensamento transdisciplinar» (pp. 148-149), qual chão comum e comum passagem entre tais moradas. Talvez, então, o palácio seja apenas um, com três alas, asas com que, como coisa de pneuma e não de pedra, consegue, afinal, voar.

No texto «Pinharanda Gomes: *Philosophari in Maria*», Pedro Sinde reconhece o modo paradigmaticamente mariano como Pinharanda era, pensava e manifestava o que era e o que pensava: «modo generoso, justo, amável e humilde de tecer a sua obra» (p. 152), obra que não é apenas a das letras, mas a do Homem, que contém tais letras, vivendo inteligentemente como quem se deixa penetrar pelo *logos*, ao modo de quem lê, jovem, numa primeira leitura sem livros: «A olhar para as pessoas, para o céu e para as paisagens. Ler na Natureza. Quer na natureza natural, quer na Natureza construída. A ler(em) e a questionarem-se sobre o que estão a ler». Faz lembrar esse não académico e filosoficamente autodidata que conhecemos com o nome de Tales de Mileto.

Renato Epifânio, na sua participação com o texto «Uma ideia de pátria para o século XXI: Presença de Pinharanda Gomes na revista *Nova*

Águia», salienta a quase ausência de textos do homenageado no comum dos hodiernos periódicos, com exceção da revista *Nova Águia*. Salienta ter Pinharanda participado logo no primeiro número editado, com um texto sobre «Anamnese da ideia de Pátria». Colaborou ainda com uma reflexão sobre a «Arte de pregar» do Padre António Vieira, com um estudo sobre «Pascoaes e a alma da Europa», trabalhou ainda sobre os mestres Álvaro Ribeiro e José Marinho, Leonardo Coimbra e Dalila Pereira da Costa. Todavia, a contribuição para a revista contou ainda com numerosos trabalhos, que Renato Epifânio amorosamente elenca de forma exaustiva, mostrando a quantidade de trabalho realizado por Pinharanda, a que sempre acrescia uma reconhecida qualidade. Este «Homem Bom» amava acrescentando bem no que tocava, assim criando essa coisa rara chamada comunidade.

Retomando o assunto especialíssimo de «A saudade de Deus em Pinharanda Gomes», Samuel Dimas trabalha longamente o tema, desenvolvendo a sua substância, interrogando e respondendo. Começa por questionar acerca de «o regresso à união divina como extinção da alteridade e da saudade ou a ascensão à comunhão divina como satisfação da saudade e plenificação da diversidade relacional» (p. 165). Eu apenas não usaria o termo «diversidade», pois é diferença o que está em causa. Prossegue com «a saudade como condição originária celestial do Paraíso perdido», que se liga com «a saudade da condição originária

escatológica do Paraíso futuro», a que se responde com «a saudade futurante de Deus e do seu plano de plenificação», porque há um «carácter soteriológico e escatológico da saudade no desejo de regresso à indistinção da união divina», talvez melhor entendendo tal fim como «ascensão à alteridade plena na comunhão divina» (p. 189), que melhor serve a grandeza de Deus e nossa.

Maria de Lourdes Sirgado Ganho, em «Pinharanda Gomes: Entre filosofia e teologia», após relembrar a contribuição do Mestre para o *Dicionário crítico de filosofia portuguesa*, realça o seu amor à filosofia, que sublinha com belas palavras: «Na Grécia, [...] a filosofia era o bem maior, e o filósofo era o seu intérprete, um aristocrata do espírito que se sentia liberto das peias do hábito, [...] aberto ao invisível, admirativamente. Será que em Pinharanda Gomes não está patente este fulgor, esta centelha?» (p. 196). A resposta é sim. Adiante, diz a autora: «Viver, amar e pensar, orientado pela bondade, beleza e verdade, é, sem dúvida, um desígnio filosófico-teológico a que as almas verídicas anelam, num itinerário de progressiva elevação espiritual» (p. 198). Pinharanda, sem dúvida. E o filosófico amor à teologia descobre-se nele como: «um sentido fundante do sagrado, do religioso, procurando compreender, a partir do seu próprio pensar, o pensar dos outros, respeitando a diferença, numa atitude de disponibilidade interior que é própria dos seres racionais e sensíveis» (p. 201). Fica dito.

Em «A última grande entrevista de Pinharanda Gomes», Miguel Real rememora a entrevista que Pinharanda concedeu a ele próprio, a Renato Epifânio e a José Eduardo Franco. Sem podermos, nós, fazer melhor, concluimos com uma longa citação deste estudo:

[...] o estatuto singular de Pinharanda Gomes no seio da cultura portuguesa contemporânea: para além do seu pensamento pessoal, harmónico com a restante obra de historiógrafo da história intelectual portuguesa segundo uma visão religiosa e espiritualista, os seus estudos demarcam com clareza o fio de continuidade existente em Portugal, de um modo constitutivo, de pensadores que, ora situados no poder de Estado, ora contra este, ora a este indiferentes (os místicos), incessantemente, sem hiatos temporais, interrogaram, sem desfalecimento, segundo uma posição religiosa (não necessariamente católica e eclesíastica) [...] a face de Deus e as qualificações filosóficas decorrentes: o ser, a existência, a essência, o devir, a causalidade e o determinismo, o acaso, a criação, a morte... (p. 204)

A que acrescentamos, como nota mátria: *a vida*, vida que hoje aqui celebramos a propósito do Homem Jesué Pinharanda Gomes.

Grato pela generosa atenção.

Bibliografia

Gomes, J.P. (1983). *História da filosofia portuguesa: A patrologia lusitana*. Lello & Irmão. Porto. Vol. 2.